

# Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editoria "Chronica do Exilio", 7, rue Lafitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	{	Anno . . . . .	Fr.	14 »
		Semestre . . . . .	—	7.50
		Numero avulso . . . . .	—	0.30

## ENTREVISTA

com

S. M. EL-REI D. MANUEL II

*(Continuado do n.º 17)*

### A perseguição religiosa



ESTENDO-SE El-Rei de perseguir sobre aquelle melindroso assumpto, pareceunos então interessante escutar S. M. a respeito d'uma das mais caracteristicas feições da Republica, a da oppressão da fé religiosa.

A tentativa d'exterminar em Portugal o sentimento religioso — disse El-Rei — terá a mesma sorte d'outras analogas que em varios tempos e paizes a teem precedido, e que nunca serviram senão para comprovar a impotencia dos homens perante o inacessivel da crença divina, provocando ao mesmo tempo, inalteravelmente, um rejuvenescimento da fé e do culto. Eis o que a lição da Historia deveria ter ensinado aos debeis inimigos de Deus.

O mal que estas perseguições comportam não recae

sobre o catholicismo, mas sobre a sociedade nacional, que ellas agitam, perturbam e attribulam.

A propria classe ecclesiastica, a troco de soffrimentos profundos é certo, mas ephemeros, não tem com estas violencias senão a ganhar em prestigio e em ascendente moral, quando sabe supportal-as com a dignidade e o desassombro de que na generalidade tem dado prova o clero portuguez. Os exemplos d'abnegação, de coragem e devotação á sua fé, dados ao paiz por esses modestos sacerdotes que ac protra-himento do seu dever e dos seus juramentos preferem as privações, o exilio, a prisão e as coacções de toda a ordem, são dos mais louvaveis que a sociedade portugueza tem recebido durante este periodo d'experiencias.

O regimen que vigora em Portugal é inimigo da liberdade de consciencia como de todas as liberdades, inimigo da crença religiosa como de todos os sentimentos ou todas as concepções da vida que tenham um conteúdo moral, e inimigo da Igreja como de todas as instituições que pela sua vitalidade, pela sua cohesão, pela sua resistencia organica, estejam no caso de difficultar o trabalho de dissolução social que constitue manifestamente um dos designios fundamentaes d'aquelle governo.

O desfecho d'esta lucta mostrará, mais uma vez, que as forças que dominam a alma e as que vivificam as sociedades acabam por se sobrepôr sempre ás tentativas de microscopicos agentes destruidores.

— Evidentemente, meu Senhor, feita a restauração, a situação creada á Igreja pelo regimen republicano será examinada?...

— Restabelecido o imperio da lei serão dadas sem duvida todas as reparações devidas — concluiu El-Rei.



**Os mortos,** — E quantos outros aggravos, quan-  
**os presos,** tos outros maleficios, quantos abusos  
**os exilados.** e violencias a reparar !... — excla-  
**A mulher** mámos, dando curso a uma serie de  
**portugueza e a** melancolicos pensamentos que as  
**Republica** ultimas palavras do Senhor D. Manuel  
nos tinham despertado.

— Quantos ! — confirmou S. M. cuja physionomia se assombrou, como se perante o seu espirito tivesse apparecido de subito a visão amarga de todas as ruinas e de todas as desditas que estes dois annos e meio d'inepto e perverso despotismo teem accumulado em Portugal.

E depois de deixar vaguear um momento pela sala o seu olhar que uma nuvem velava, El-Rei proseguiu, fitando no parque os braços desnudados e negros do arvoredor, immoveis sob o ceu immovel :

— E quantos tambem que a acção dos homens não póde já reparar !... Lembre-se d'aquelles honrados e benemeritos portuguezes, a maior parte humilissimos filhos do povo, que pela redempção da sua Patria e pelo triumpho das suas crenças fôram morrer como heroes no campo da batalha, á sombra da Bandeira Portugueza que tanto amavam e á qual não hesitaram em fazer assim, com a maior das abnegações, o maior e derradeiro dos sacrificios ! E os que jazem nas cadeias ou lá teem passado longos tempos de cruciantissimo soffrimento, sujeitos a todas as atrocidades d'um regimen que não tem igual no mundo culto e tudo supportando com uma altivez e uma dignidade tão exemplares que assombram os seus mesmos algozes, quem lhes dará reparação do martyrio de que teem sido victimas e da miseria ou das dôres que se apoderaram dos seus lares ?

E aos que teem tido que procurar na tristeza do exilio um refugio contra as prepotencias que os ameaçavam na sua terra ? E todos os damnos, todas as affrontas, todos os infortunios Moraes e materiaes que tem espalhado de norte a sul do paiz uma inexoravel tyrannia cujas malhas se estendem até as mais

remotas aldeias, quem poderá dar d'elles reparação ás suas victimas?

Se outros signaes não houvesse da inadaptabilidade da Republica a Portugal, para se avaliar como ella é completa bastaria medil-a pela somma de violencias que o governo revolucionario tem que commetter para ir vivendo.

E quer um outro symptoma da incompatibilidade da Republica com o paiz? É a hostilidade irreductivel que lhe manifesta a mulher. A mulher portugueza é um ser essencialmente sentimental e familiar, a quem a politica nunca interessou; e todavia a sua reluctancia pela Republica é ostensiva, e não é raro manifestar-se d'uma maneira mais nitida, mais declarada e mais activa do que até mesmo a dos homens. Que bello exemplo nos tem dado D. Constança Telles da Gama!

Trata-se d'um grito do coração feminino e para isto ser assim, é preciso que os processos do regimen revolucionario repugnem profundamente aos sentimentos d'humanidade. Ora só os governos execrados e inseguros é que precisam de se impôr pela crueldade!



**A Monarchia** — Precisamos governar com o coração...  
**em Portugal**

— Decerto — concordou S. M. —

Mas tambem muito com a cabeça, e em todo o caso sem quebra da necessaria energia na defesa da ordem social. O que se tem passado n'estes dois annos e meio, e as reconsiderações que tudo isso provoca, faz ver quanto eram injustas, sob todos os pontos de vista, as accusações dirigidas contra a politica e a administração da Monarchia por uma propaganda de meras affirmações, que encontrava facil presa no espirito d'um povo naturalmente impressionavel e sem educação.

Não quero dizer que não haja erros a corrigir, hábitos a modificar, iniciativas a afervorar, melhoramentos a introduzir na legislação e nos costumes. Demais, qual é o povo que n'um dado momento se pôde considerar inexcelsivelmente bem governado?

Porém se na administração monarchica se tivessem perpetrado os abusos e até os delictos que a propaganda revolucionaria lhe assacava, todos esses factos não teriam deixado de ser descobertos, comprovados, e os seus auctôres punidos, pelas numerosas syndicancias nas repartições do Estado, que logo decretou o governo revolucionario. E todavia, apesar de não faltarem aos syndicantes nenhuns meios d'investigação nem de prova, e apesar tambem do ardor e boa-vontade com que trabalharam, o resultado d'essas syndicancias pôde dizer-se que foi nullo.

Emquanto á competencia governativa dos estadistas da Monarchia, a simples recordação dos nomes e da obra de tantos d'elles em meio da perspectiva que offerece o actual mundo politico portuguez basta para lhes provocar nos espiritos imparciaes o respeito, e em muitos casos a admiração que merecem.

Se se percorrer a obra governativa e parlamentar dos politicos monarchicos, mesmo só nos ultimos annos, ali se encontrarão, convertidos ou não em lei, muitos diplomas e muitos pensamentos de governo de incontestavel alcance. A sua repercussão, a sua discussão e a possibilidade de os levar a effeito eram porém contrariadas, principalmente, pela circumstancia de se encontrar a attenção publica desviada d'esses assumptos vitaes e praticos e attrahida pelo ruido d'uma contenda relativa á questão da fórma de governo. Esta questão porém perde toda a razão de ser com a fallencia cabal da tentativa republicana.

Tem o paiz homens de governo, especialistas e technicos, dos quaes se tem o direito d'esperar uma proficua acção dirigente, desde que esta encontre o *meio* que as circumstancias difficultavam em outro tempo, e que totalmente lhe negam hoje sob um regimen politico alem de tudo o mais artificial.

As instituições politicas e sociaes de cada povo são uma creação sua, que não pode ser destruida pelos caprichos ou pela ambição dos homens ; estes apenas podem influir no sentido d'aperfeiçoal-as e adaptal-as á evolução das ideias e dos costumes, sem comtudo as desnaturarem.

Não tem a nação portugueza creação sua mais propria do que a Monarchia, que foi sempre em Portugal um regimen de character emminantemente popular. Os acontecimentos capitaes e decisivos da historia da nação representam simultaneamente factos da historia politica do regimen e até das proprias Casas Reaes — e factos igualments felizes ou infelizes para estas e para o paiz.

O nascimento da primeira dynastia quer dizer a fundação d'uma Patria Portugueza ; o genio d'um Infante D. Henrique fructifica para o paiz nas glorias mais triumphaes e nas mais deslumbrantes riquezas, que o tornam uma das mais fortes e respeitadas potencias ; a bella morte de D. Sebastião, sem descendencia, na heroica jornada d'África, implica a perda da independencia nacional : a restauração d'esta exige a elevação da dynastia de Bragança. E ultimamente, a actual solução de continuidade na vigencia do regimen monarchico logo importou para o paiz um periodo de servidão, d'anormalidade na vida politica e social, de decadencia moral, financeira e economica, de desprestigio, de degradações, desastres e perturbações de toda a ordem.

A intima união do paiz com a Monarchia, nas prosperidades como nas vicissitudes, é uma lei historica da nossa nacionalidade.



**A obra da Republica.** — Os povos, meu Senhor, costumam ser pouco sensiveis ás lições do passado, e já um grande sociologo observou que o effeito d'uma experiencia politica nos sentimentos e opiniões

collectivas não vae alem da geração que a soffreu. Mas isto nos basta para suppormos que o povo portuguez tem, ao menos n'este momento, uma noção pratica e viva das differenças de facto, que existem em Portugal entre o regimen monarchico e o regimen republicano...

— O contraste — acudiu El-Rei — não poderia ser mais frisante, nem mais eloquente na sua significação. E' um caro ensinamento, mas é a mais impressiva *lição de coisas* que podia ter soffrido o nosso infornado paiz.

A um systema politico e administrativo de caracter electivo fez-se succeder um regimen puramente despotico, em que tanto os membros do chamado parlamento como as corporações d'administração local são de nomeação. Já os proprios politicos republicanos declararam que não houve senão um simulacro d'eleição quando se tratou de formar a camara Constituinte, que foi todavia a que sancionou em nome do paiz o acto revolucionario e que actualmente desempenha ali o papel de poder legislativo. Emquanto ás corporações municipaes e ás outras entidades d'administração local, para essas não se simulou sequer a eleição, sendo os seus membros escolhidos e nomeados discrecionariamente pelo poder executivo. E' este o systema governativo caracteristico dos regimens autocraticos.

E se a intervenção do paiz na gerencia dos negocios collectivos ou na sua fiscalização por intermedio dos seus eleitos se encontra assim abolida, igualmente elle a não pode exercer pelos outros meios de que usam os povos livres, pois não existe a liberdade de reunião, nem a liberdade d'imprensa, dependente como se encontra o direito de circulação d'um jornal do criterio exclusivo do mais modesto e inculto agente da auctoridade — nem sequer a liberdade d'exprimir particularmente uma opinião sobre a marcha das coisas publicas, sendo frequentemente encarcerados cidadãos por tempo indefinido, sob a unica incul-

pação official de terem « falado mal da Republica » ou « censurado os actos do governo ».

Nenhum confronto soffre esta situação inverosimil com a amplissima liberdade de critica que se desfrutava sob a Monarchia.

Sempre a independencia do poder judicial foi, mais do que um principio de lei, um dogma do nosso systema monarchico constitucional. Essa independencia deixou d'existir com a Republica, na legislação como nos factos.

Não somente se crearam para os delictos politicos tribunaes *ad odium* e de nomeação, funcionando segundo um systema de leis d'excepção que invertem todos os principios juridicos e annullam todos os direitos da defesa : a propria justiça civil foi posta á mercê das imposições, caprichos e interesses da politica, confiando-se por lei a sua fiscalização, a carreira e a sorte dos magistrados ao arbitrio dos infimos agentes do poder executivo.

O agravamento da situação financeira é patente e está repetidas vezes confirmado pelas declarações e pelos dados numericos officiaes. O commercio está paralyzado, a industria agonisa e a agricultura, que já soffria de tantas causas de depressão economica, entra n'uma era calamitosa, provocada por uma nova tributação, exhaustiva. A propriedade, por virtude d'este agravamento d'impostos e das incertezas que lhe cria a hostilidade declarada dos governantes, immobilisa-se e desvalorisa-se atterradoramente, emquanto o capital procura fóra do paiz collocações mais seguras e rendosas.

A miseria do operariado e das populações ruraes, conjugada com o mal-estar proveniente das perseguições politicas e religiosas, arremessa para fóra do paiz prodigiosas multidões. O anno de 1895 ficára memoravel por ter n'elle a emigração attingido o numero enorme, e de todo o ponto excepcional, de 45.000 pessoas : no anno ultimo a emigração, segundo está avaliado, foi pelo menos de 120.000 ! Em certas provincias, aldeias inteiras ficaram desertas.



Na generalidade o portuguez ganha hoje menos do que antes da terrivel crise economica provocada pela Republica e tem a vida mais cara, pagando ao mesmo tempo mais impostos ao Estado.

A defesa nacional, por factos d'ordem moral e material, encontra-se anarchizada e em estado de extrema indigencia. As reformas d'instrucção lançaram esses serviços n'uma confusão inextricavel. A burocracia foi desorganizada pela introducção nos seus quadros, desde os cargos mais altos aos mais modestos, d'individuos sem tirocinio nem qualquer especie de competencia, tendo sido a simples qualidade de revolucionario considerada officialmente como um titulo de preferencia na admissãõ ás funcções publicas.

Nas colonias, as rebelliões tomam um caracter endemico, recusando-se a maior parte dos povos guerreiros do nosso ultramar a reconhecer e acceitar a bandeira republicana e a manter fidelidade a um regimen em que não existe a entidade que para elles symbolisa tradicionalmente a soberania, e que é o Rei.

Emfim, emquanto ao nosso prestigio internacional, julgo inutil accentuar que elle não é o mesmo de ha tres annos. Os factos, infelizmente, nol-o relembram a cada instante.

E sobre este paiz assim despedaçado, a desordem, o terror, o despotismo dos governantes e o da demagogia que os appoia reinam como lei suprema.

Eis o que a Republica fez da nossa Patria; eis o que os portuguezes lucraram moral e materialmente, com a intercorrença d'um periodo republicano nas paginas da sua historia !

Ainda é necessario que a obra da Monarchia no paiz efferecesse uma grande solidez, para que elle tenha podido resistir a tão numerosos e violentos fautores de destruição !



**Como o Snr. D. Manuel II encara a sua função. Uma declaração politica d'El-Rei** — O nosso paiz — permittimo-nos então observar — é um milagre desde o dia d'Ourique. A cada uma das suas crises mais agudas e mais alardeantes sobrevém logo uma era d'esplendido rejuvenescimento. Por isso tambem, todos nós esperamos que V. M. inaugure ainda no seu throno uma época de regeneração e de prosperidades para a Patria portugueza.

— Tambem — retorquiu S. M. — é só assim que eu desejo e espero occupar o throno.

E o Senhor D. Manuel, que fala da grandeza da Patria no tom em que um sacerdote fala da gloria do seu Deus, pareceu aqui imprimi ás suas palavras um cunho ainda mais solemne, para dizer :

— Seriam muito injustos os que pensassem que eu ambiciono voltar a Portugal só para occupar officialmente a minha situação de Rei. Nada ha que compense na magistratura real as responsabilidades, os deveres e os encargos que ella comporta.

Não quero ser Rei senão para continuar a servir o meu paiz como já procurei fazel-o, e agora pondo n'esse serviço os novos fructos d'uma experiencia mais longa.

O meu reinado começou ha cinco annos, mas dentro d'elle eu tenho vivido muitos mais ; o que não quer dizer que não me sinta bem em plena mocidade, para pensar com enthusiasmo na obra de redempção da Patria, que constitue o objectivo da minha vida.

— Essa empreza, meu Senhor, precisa ser dirigida por uma cabeça de homem experimentado, mas afevorada por um coração de vinte e cinco annos. V. M. está nos dois casos. Eu agradeço muito a V. M. a honra que acaba de me conceder : muito por mim, mas muito tambem pelas conveniencias da causa monarchica. As commoventes e patrioticas palavras de V. M. são bem as d'um Rei, que não pensa senão em ser Rei.

O Senhor D. Manuel fitou em nós então o seu olhar, que em certos momentos adquire como que uma força extranha de penetração, e accentuando muito as suas primeiras expressões disse pausada e gravemente :

— Não ha monarchico algum que não saiba do meu interesse constante e absorvente pela causa da restauração da Monarchia em Portugal.

Esse interesse devo-o á Patria, cuja felicidade, hoje mais do que nunca, considero que tem como condição a Monarchia ; devo-o á dynastia que represento, devo-o aos que morreram pela nossa causa e a todos que por ella se teem batido, sacrificado e soffrido, e devo-o a mim proprio e ao meu nome.

Não julgarei cumprida a minha missão para com a Patria enquanto esta, depois de libertada da incomportavel tyrannia que a opprime e arruina, não tiver readquirido a paz de que precisa e entrado na era de ordem e de progresso fecundo e laborioso que lhe deve estar reservada e que ella tanto merece depois d'estas dolorosas provações !



Assim falou o Rei de Portugal, representante d'aquelle principio para o qual se voltam com saudade e com esperanza os olhos d'um povo desventurado, e objecto elle proprio dos anhelos d'um paiz que sempre encontrou no Senhor D. Manuel II a par da mais devotada e intelligente dedicação pelos seus interesses, aquelle poder benigno e affavel que em Portugal capta os corações antes de se impôr pela força auctoritaria e rispida.

Possam os votos patrioticos do juvenil Monarcha ser escutados pelo Destino mais soberano ainda ; possa o Senhor D. Manuel II vêr realisado o sonho generoso que lhe enche e lhe doira os dias do exilio, para o que não lhe falta nem talento, nem saber, nem

energia de vontade : — o grande sonho de ser um grande Rei!

A gloria dos Reis é feita da grandeza da sua Patria.

ANNIBAL SOARES.

---

### EXPEDIENTE

Estando a terminar o I.<sup>o</sup> semestre da publicação da *Chronica do Exilio*, a Empreza Editora roga mais uma vez aos snrs. Assignantes de Portugal e do estrangeiro que se encontram em divida o favor de regularisarem o mais breve possivel o pagamento das suas assignaturas.

Este pagamento pode effectuar-se por meio d'estampilhas francezas ou portuguezas, vale de correio ou « Bon de la Poste », dirigidos á Empreza Editora, 7, rue Laffitte, Paris.

A Empreza ver-se-ha forçada a suspender a expedição das assignaturas cuja importancia não fôr immediatamente satisfeita.

A Empreza Editora *Chronica do Exilio*.